



PRÁTICAS DE LEITURA E LETRAMENTOS DIGITAIS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA PANDEMIA DO COVID-19

PRÁCTICAS DE LECTURA Y CARTAS DIGITALES DE NIÑOS Y ADOLESCENTES EN LA PANDEMIA COVID-19

READING PRACTICES AND DIGITAL LITERACY OF CHILDREN AND TEENAGERS IN THE COVID-19 PANDEMIC

Ana Paula SANTANA¹
Lais DONIDA²

RESUMO: O cenário pandêmico atual revelou-se como um momento oportuno para se (re)pensar as implicações de práticas de leitura realizadas, principalmente, no suporte digital. Dessa forma, o objetivo desse artigo é analisar as práticas de leituras e letramentos digitais de crianças e adolescentes durante a pandemia do COVID-19. Os delineamentos metodológicos envolveram uma pesquisa com 30 participantes, entre sete e 17 anos, e seus familiares, por meio de um questionário semiestruturado on-line. Os resultados apontam que as práticas de letramentos digitais voltam-se principalmente a jogos, aulas *on-line* e utilização de redes sociais. A leitura de livros digitais não tem sido uma prática recorrente nas famílias, assim como assistir filmes legendados. Dessa forma, observa-se que o atual momento enfatiza contextos que evocam um determinado uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), em que as práticas existentes antes da pandemia tornaram-se mais intensivas e promoveram mudanças não apenas no suporte de leitura, mas nas formas de transmissão cultural.

PALAVRAS-CHAVE: TDIC. Aprendizagem. Letramento. Pandemia.

RESUMEN: *El actual escenario pandémico resultó ser un momento oportuno para pensar las implicaciones de las prácticas lectoras realizadas, principalmente en soporte digital. Así, el objetivo de este artículo es analizar las prácticas de lectura y alfabetización digital de niños y adolescentes durante la pandemia COVID-19. Los diseños metodológicos involucraron una encuesta a 30 participantes, entre siete y 17 años, y sus familias, a través de un cuestionario online semiestructurado. Los resultados muestran que las prácticas de alfabetización digital se centran principalmente en los juegos, las clases en línea y el uso de las redes sociales. La lectura de libros digitales no ha sido una práctica recurrente en las familias, así como la visualización de películas subtituladas. Así, se observa que el momento actual enfatiza contextos que evocan un cierto uso del TDIC, en el que las prácticas existentes antes de la*

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – SC – Brasil. Fonoaudióloga. Docente do Curso de Fonoaudiologia e da Pós-Graduação em Linguística. Mestre e Doutora em Linguística (UNICAMP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9508-9866>. E-mail: anaposantana@hotmail.com

² Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – SC – Brasil. Fonoaudióloga. Mestre e doutoranda em Linguística (UFSC). Especialista em Educação Inclusiva (UDESC). Centro de Comunicação e Expressão. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3508-7030>. E-mail: lais.donida@gmail.com





pandemia se convirtieron en pretextos para (re) pensar la lectura y la mediación de los escolares a través de la alfabetización digital.

PALAVRAS-CLAVE: *TDIC. Aprendizaje. Alfabetización. Pandemia.*

ABSTRACT: *The current pandemic scenario promoted an opportune moment to think the implications of reading practices carried out, mainly, in digital support. This paper's objective is to analyze the practices of reading and digital literacy of children and teenagers during the COVID-19 pandemic. The methodology was to interview children and youth (between 7 and 17 years old) and their parents through a semi-structured online questionnaire. The results indicate that digital literacy practices are mainly focused on games, online classes, and the use of social networks. Reading digital books has not been a recurrent practice in families, as well as watching subtitled movies. Thus, it is observed that the current moment emphasizes contexts that evoke a certain use of TDIC, where practices prior to the pandemic have become more intensive and have promoted changes not only in reading support, but in forms of cultural transmission.*

KEYWORDS: *TDIC. Learning. Literacy. Pandemic.*

Introdução

As transformações tecnológicas não são um fenômeno recente, elas já se fazem presentes nas sociedades modernas desde o século passado, a partir do surgimento das chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Atualmente, o termo TIC foi expandido para Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), que passou a incluir computadores, *tablets*, *smartphones* e qualquer dispositivo que permita o acesso à Internet.

Nesse cenário, surge o conceito de *eCultura*, que se refere ao desenvolvimento tecnológico, à criação de redes de transmissão de dados de alta velocidade, com novas dimensões e abrangências nas práticas sociais cotidianas em nossa sociedade, garantindo a inovação nos meios de comunicação, nas práticas de letramentos, nas técnicas, nas práticas e nas atitudes, modos de pensamentos e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento das culturas grafocêntricas pautados nos bens digitais. Nesses espaços, há uma infinidade de práticas que envolvem o uso de TDIC, como o envolvimento de celulares, computadores, *Ipods*, *e-readers*, TV digital, *virtual chats (VR Chat)*, redes sociais (*Twitter*, *Facebook*, *Orkut*, *Skoob*, *Instagram*, etc), webconferências, *softwares*, jogos digitais, plataformas de experiências para os usuários (pacotes Google), *Kindle*, e mais uma infinidade de novas “estruturas” e compreensões de se relacionar com os bens culturais (TEIXEIRA, 2019).





Nesse mesmo contexto, surge um novo termo: o *Homo Zappiens*, cunhado por Veen e Vrakking (2009) para situar uma geração de pessoas que cresceram utilizando a tecnologia digital. Assim, as práticas sociais também se modificam: os sujeitos fazem várias coisas ao mesmo tempo, lidam com diferentes velocidades de informação, estão sempre apressados, sem paciência, envolvidos por um bombardeio sensorial e excesso de imagens. Nas palavras dos autores:

O Homo zappiens é um processador ativo de informação, resolve problemas de maneira muito hábil, usando estratégias de jogo, e sabe se comunicar muito bem. Sua relação com a escola mudou profundamente, já que as crianças e os adolescentes Homo zappiens consideram a escola apenas um dos pontos de interesse em suas vidas. Muito mais importante para elas são suas redes de amigos, seus trabalhos de meio-turno e os encontros de final de semana. O Homo zappiens parece considerar as escolas instituições que não estão conectadas ao seu mundo, como algo mais ou menos irrelevante no que diz respeito à sua vida cotidiana. Dentro das escolas, o Homo zappiens demonstra um comportamento hiperativo e atenção limitada a pequenos intervalos de tempo, o que preocupa tanto pais quanto professores. Mas o Homo zappiens quer estar no controle daquilo com que se envolve e não tem paciência para ouvir um professor explicar o mundo de acordo com suas próprias convicções. Na verdade, o Homo zappiens é digital e a escola analógica (VEEN, VRAKING, 2009, p. 12).

Há, assim, terminologias para a nova geração do mundo digital, tal como mudanças de comportamentos e atitudes principalmente em relação às práticas de leitura. Esse panorama é tecido apenas para que possamos compreender que é nesse cenário que a pandemia coloca em evidência as práticas digitais já existentes, mas pouco enfatizadas nos ambientes sociais. As mídias também passam a ampliar sua representação, agora que se apresentam como a única possibilidade de interação entre familiares e amigos, e como uma forma de aprendizagem que substitui a escola presencial.

A partir do exposto, o objetivo deste artigo é analisar as práticas de leituras e letramentos digitais de crianças e adolescentes durante a pandemia do COVID-19. Para tanto, iremos perpassar a seguir alguns aspectos teóricos relevantes à temática e, na sequência, há a apresentação dos dados e discussão.

TDIC e educação no contexto da pandemia

Inicialmente, torna-se relevante abordar os conceitos de alfabetização e letramentos digitais. A *alfabetização digital* seria a aprendizagem da leitura e da escrita por meio de equipamentos digitais, envolvendo signos linguísticos, sistemas de linguagem verbal e não-





verbal, além da compreensão do sistema operacional do computador, da área de trabalho, ícones e atalhos. O conceito de *letramento digital* é definido como práticas sociais de leitura, escrita e oralidade/sinalização que envolvem considerar que tais práticas estão em constantes modificações e dependem dos grupos sociais e da historicidade dos agentes envolvidos. O letramento digital é considerado *o estado* ou *condição* que adquirem os sujeitos que se apropriam da nova tecnologia digital. Ser letrado digital inclui, além do conhecimento funcional sobre o uso da tecnologia possibilitada pelo computador, um conhecimento crítico desse uso, ou seja, ter uma postura crítica e discernida diante de um universo de informações aos quais se está exposto diariamente, para organizá-las, aplicá-las, interagindo com o outro e buscando ocupar seu papel de cidadão ativo na sociedade (GARCIA, 2016; DONIDA *et al.*, 2019).

A democratização do acesso às tecnologias permite inserir o sujeito na *eCultura*, para que consiga exercer um papel ativo e interativo na sociedade por meio do acesso da tecnologia em suas atividades profissionais, cotidianas, educacionais, culturais etc. Para isso, precisa de três elementos básicos: computador, o acesso à rede e o domínio dessas ferramentas (VIZENTIN, 2016). Nesse contexto, a *exclusão digital* não se refere somente àquele que não tem acesso a essas tecnologias, mas também àqueles que, mesmo tendo acesso a elas, não as domina (CASTELLS, 2003).

Vários debates e discussões realizados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), pelo Ministério da Educação (MEC), pelas universidades públicas, em congressos, palestras e simpósios realizados a respeito das TDIC no sistema educacional vêm discutindo e incentivando há tempos políticas públicas no campo da educação. Discussões sobre: mudanças nas dinâmicas de ensino, melhorias no uso das TDIC em sala de aula, formação de professores, conscientização e necessidade de incluir as tecnologias nos currículos escolares e desenvolvimento de habilidades e competências de docentes e discentes para manusear e lidar com os artefatos tecnológicos (PIMENTEL, 2018).

Acrescente-se que a Nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz em todo o documento referências sobre a importância do trabalho com as TDIC, o protagonismo para a ampliação da cultura digital, as novas formas de interação multimidiática e multimodal e de atuação social em rede. Em suma, devem-se realizar atividades mediadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visuoespacial – como a Libras – e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital (BRASIL, 2017).

Essa discussão é extremamente importante, pois pesquisas apontam que os professores não tinham o hábito de utilizar tecnologias digitais diversas nas aulas. Além disso, havia entre os docentes o sentimento de desatualização quanto às tecnologias da informação e comunicação





e esperavam que a escola pudesse contribuir mais para esse conhecimento (SCHUHMACHER; FILHO, 2017).

Sabe-se, ainda, que muitos estudantes, apesar de serem intitulados “*nativos digitais*”, não sabem lidar com todo o potencial que as novas tecnologias oferecem. Assim, os escolares não poderiam ser considerados letrados digitalmente, mas se encontrariam em um processo de alfabetização digital, em que a escola seria a principal instituição promotora de práticas de letramentos digitais e de leituras no suporte digital (GARCIA, 2016).

Os familiares dos estudantes, por sua vez, seriam o que se convencionou chamar de *analfabetos digitais* ou *imigrantes digitais*, pois ainda possuem muitas dificuldades na realização de práticas de letramentos e de leitura digitais. A despeito disso, durante a pandemia, o papel da família foi ressaltado nas diretrizes do governo para o auxílio nas atividades virtuais (BRASIL, 2020), da seguinte forma:

- Na Educação Infantil: Aproximação virtual dos professores com as famílias, de modo a estreitar vínculos e *fazer sugestões de atividades às crianças e aos pais e responsáveis*;
- No Ensino Fundamental/Anos Iniciais: Sugere-se que as redes de ensino e escolas orientem as famílias com *roteiros práticos e estruturados* para acompanharem a resolução de atividades pelas crianças. No entanto, as soluções propostas pelas redes *não devem pressupor que os “mediadores familiares” substituam a atividade do professor*. As atividades não presenciais propostas devem delimitar o papel dos adultos que convivem com os alunos em casa e orientá-los a organizar uma rotina diária.
- No Ensino Fundamental/Anos Finais e Ensino Médio: A *supervisão de um adulto* para realização de atividades pode ser feita por meio de orientações e acompanhamentos com o apoio de planejamentos, metas, horários de estudo presencial ou *on-line*, já que nesta etapa há mais autonomia por parte dos estudantes. Neste caso, a orientação é que as atividades pedagógicas não presenciais tenham mais espaço. Entre as sugestões de atividades, está a distribuição de vídeos educativos.

A partir do exposto, vemos que a pandemia convoca alunos, professores e famílias a modificarem suas práticas de letramentos diante do novo contexto que se apresenta: a escola nas telas digitais.



Contornos metodológicos

Os caminhos metodológicos traçados para esta pesquisa evidenciam um estudo qualitativo do tipo descritivo. Participaram 30 crianças e adolescentes (entre sete e 17 anos) e seus familiares. Destas, 21 estudavam em escola particular e nove em escola pública. O convite para a participação da pesquisa foi realizado através das mídias digitais de forma aberta e aleatória, sem direcionamento específico, nos grupos de contatos pessoais dos próprios pesquisadores.

Para a coleta de dados, elaborou-se um questionário semiestruturado envolvendo questões relacionadas às práticas de letramentos e leituras digitais dos familiares e crianças e adolescentes. Para este artigo, realizou-se um recorte dos dados coletados. O questionário foi elaborado e disponibilizado para acesso por meio do *Google Forms* (formulários do Google).

As análises envolveram uma categorização prévia dos dados com base na análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Todos os sujeitos assinaram o TCLE que foi aprovado pelo Comitê de Ética nº 33715420.7.0000.0121.

Resultados e discussões

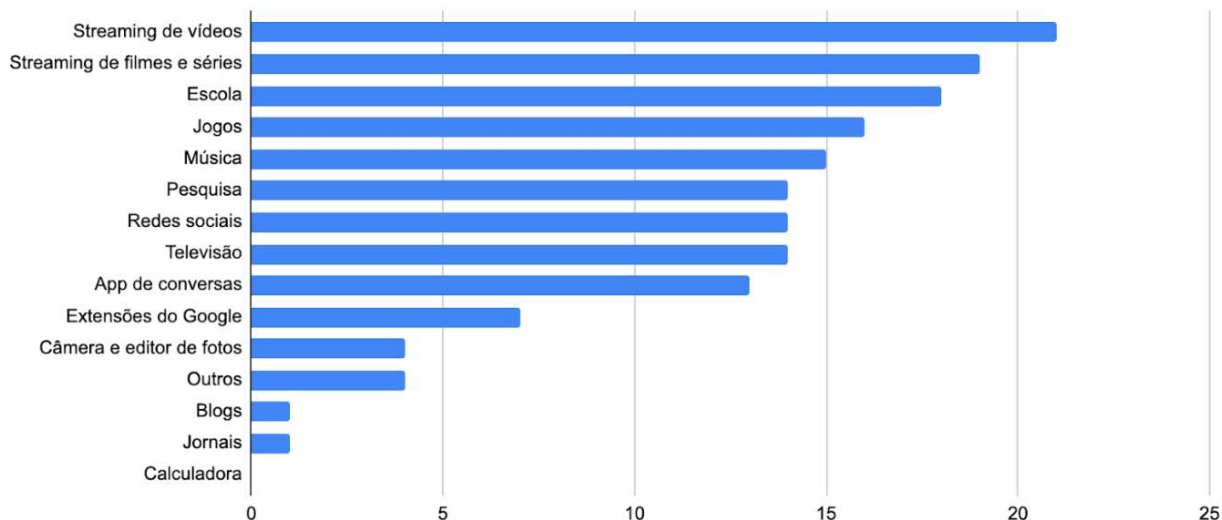
A categorização dos dados para análise a partir do recorte realizado para este artigo evidenciou dois grupos de discussões em torno da temática: i. Práticas de letramentos digitais realizadas pelas crianças e adolescentes durante a pandemia; ii. Relatos dos familiares acerca do uso das TDIC pelas crianças e adolescentes.

Práticas de letramentos e leituras digitais realizadas pelas crianças e adolescentes durante a pandemia

Os dois gráficos abaixo descrevem, de modo geral, as principais atividades realizadas pelos participantes da pesquisa. No gráfico 1, pode-se observar que as cinco práticas mais realizadas pelas crianças e adolescentes da pesquisa estão relacionadas ao acesso e consumo de plataformas de streaming de vídeos, seguido de plataformas de streaming de filmes e séries, acesso aos conteúdos escolares, jogos e músicas.



Gráfico 1 – Práticas de letramentos digitais realizadas pelos participantes



Fonte: Dados da pesquisa

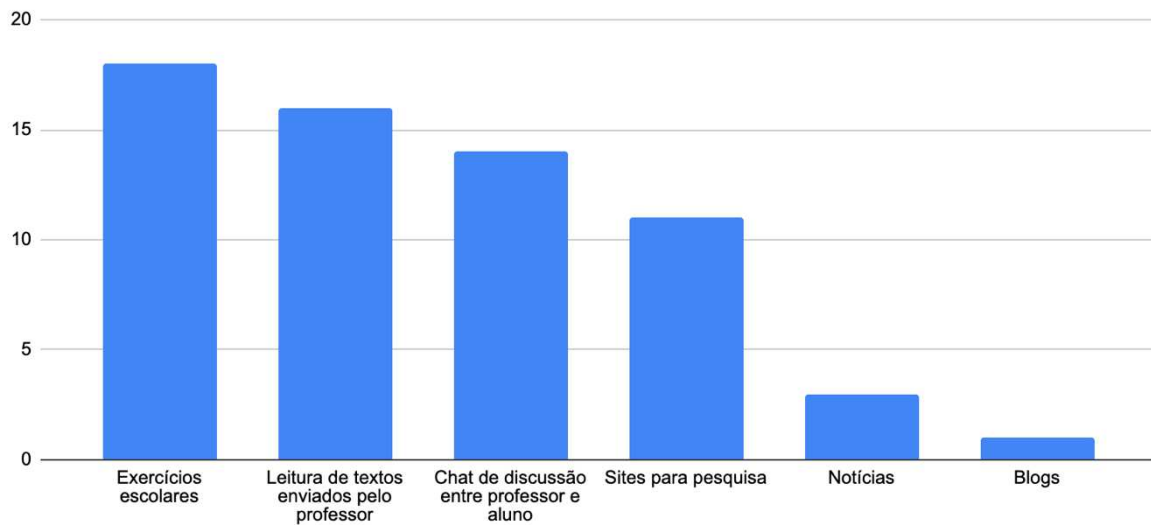
A plataforma de streaming de vídeo citada foi o Youtube. Em relação aos jogos citados pelos participantes estão: *PK XD, Minecraft, Jurassic World, Among Us, Dino Hunter, Deadly Shores Hitman, The Battle of Polytopia, Rodeo Stampede, Clear Vision 4, World War Polygonal, Star Wars Commander, Free Fire, Mine Word, Roblox, Avakin Life, Brawl Stars, Subway Surf*. Dentre as plataformas de streaming de filmes e séries, pode-se citar a Netflix, a HBO, a DisneyPlus, a GloboPlay.

Além destas práticas, as crianças e adolescentes mencionaram fazer uso das TDIC para o acesso aos conteúdos escolares compartilhados durante a pandemia e, como se pode ver no gráfico 2, abaixo, as atividades escolares envolveram exercícios on-line, leitura de textos em suporte digital, discussões em chats e fóruns on-line, acesso a sites para pesquisas, consumo de notícias e blogs.





Gráfico 2 – Práticas escolares a partir das TDIC durante a pandemia



Fonte: Dados da pesquisa

Além disso, investigaram-se as práticas de leitura envolvendo a escola, as quais se voltaram principalmente a exercícios escolares e leituras de textos compartilhados pelo docente, que passaram a ser predominantemente via Internet (computador, celular ou *tablet*).

Outro aspecto observado foi que 63% dos participantes afirmaram não ler livros que não estejam relacionados à aula, ou seja, a leitura é realizada como obrigação acadêmica. Em contraposição à ampliação do uso das TDIC para acesso às práticas escolares, a leitura digital de livros, gibis ou histórias em quadrinhos por prazer ou lazer não pareceu ter sido uma prática recorrente, sendo referenciada por apenas 36.7% dos participantes. Destas leituras digitais, foram citados como exemplos: *audiobooks*, quadrinhos (como Turma da Mônica), histórias infantis, anime (*Gacha Life*), conto infanto-juvenil (Mistério em Veneza), tirinhas no Instagram e *fanfics*.

Vê-se que embora haja uma mudança nas preferências das leituras em suporte físico (impressos) para práticas leitoras em suporte digital, ainda não há uma substituição de tais práticas pelos livros digitais. Como exemplo, podemos enfatizar que não foi citado o *Kindle* como plataforma de acesso aos livros, nem mesmo a busca por *PDF* diretamente no Google. Entretanto, reitera-se que o custo do Kindle e da compra por e-books ou e-pubs pode influenciar na menção desse tipo de prática.

Também se ressalta a preferência de 70% dos participantes a assistir filmes dublados do que legendados, o que nos leva a questionar os diversos fatores que influenciam no acesso e no consumo de bens culturais, como o impacto da mídia, das indicações, da mediação familiar, das

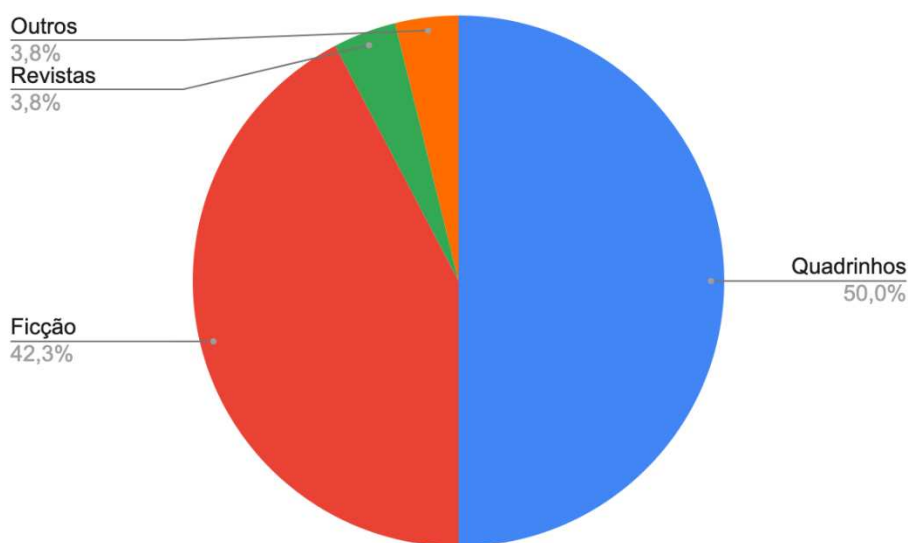




desigualdades sociais no tocante ao acesso à educação e à cultura, etc. De todo modo, há à vista um interessante campo de pesquisa para investigar as escolhas e transmissão de determinados bens culturais, de determinadas práticas digitais e de leituras digitais nas famílias, entre as crianças e jovens e na escola.

Outro aspecto evidenciado foi a preferência pela leitura de histórias em quadrinhos (HQ) relatada pelas crianças e adolescentes, conforme o gráfico 3 abaixo:

Gráfico 3 – Leituras realizada pelos participantes através das TDIC



Fonte: Dados da pesquisa

As HQs são histórias com estrutura narrativa, textos diretos, com balões e legendas e semioses visuais. As HQs são muito variadas e envolvem textos para todas as idades. A escolha por esse gênero tem também relação com as possibilidades *multissemióticas* e *multimidiáticas* que podem favorecer a compreensão leitora. Assim, parece haver, no grupo participante da pesquisa, práticas de leitura intensivas de determinados gêneros (História em Quadrinhos, como Turma da Mônica, e romances, como Diário de um Banana, citados entre as obras).

Essa diminuição das práticas de leitura já tem sido relatada por alguns autores. Wolff (2019), por exemplo, ressalta que, no caso da nova geração de leitores, há diferenças significativas no processamento cerebral, com um tempo de atenção bem menor, chamada pela autora de “atenção de gafanhoto”, sempre saltitante, passando de uma coisa para outra numa velocidade bem maior que a que estamos acostumados. Há ainda dificuldades na compreensão de estruturas sintáticas mais complexas, pois os novos leitores leem pouco e a leitura realizada é mais informativa e próxima da oralidade. Como as literaturas são gêneros pouco escolhidos



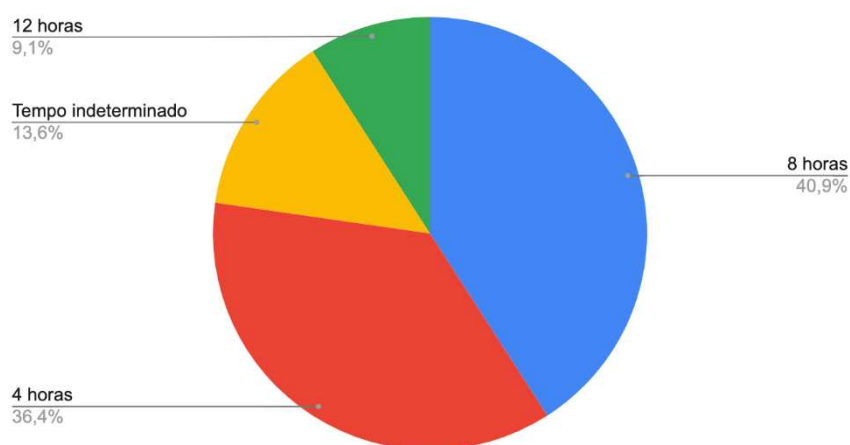
pelos jovens, há ainda dificuldades relacionadas à imaginação e à empatia, o que tem sido proporcionado pela leitura de gêneros literários. Entretanto, cabe salientar que as mudanças nas práticas leitoras em curso refletem modificações decorrentes de uma transformação sociocultural em curso, e são necessárias mais pesquisas para compreender como as novas práticas e usos das TDIC influenciam nas transformações sociais.

Relatos dos familiares acerca do uso das TDIC pelas crianças e adolescentes.

Os familiares desempenharam um importante papel na transmissão do capital cultural e na inserção dos filhos e filhas nas sociedades grafocêntricas por um longo período. Contudo, nas últimas décadas, observam-se mudanças significativas nas dinâmicas familiares. Se, por um lado, as famílias ainda são – ou eram – responsáveis pelo controle e manutenção do acesso das crianças e adolescentes às tecnologias, por outro lado, os letramentos digitais – que são muitos e estão em constante modificação – colocam em cheque o papel da família como transmissora dos novos conhecimentos (BARRETO, 2005; PONTE, 2011).

Abaixo há a informação do tempo de uso de TDIC segundo os familiares das crianças e adolescentes participantes da pesquisa:

Gráfico 4 – Tempo de uso de TDIC pelas crianças e adolescentes, segundo os familiares



Fonte: Dados da pesquisa

O desafio das práticas e usos das TDIC em jovens vem sendo motivo de debates, principalmente no que se refere aos efeitos do acesso à eCultura. De um lado, há a ênfase nas possibilidades que seriam agregadas aos processos de ensino e aprendizagem, com novas formas de contato virtual em um mundo globalizado, diminuindo as distâncias e





compartilhando conhecimentos. De outro lado, há movimentos que criticam o acesso às mídias digitais, com pesquisas que ressaltam os excessos às telas como um grande problema atual e causa de diagnósticos psiquiátricos (WOLFF, 2019).

É nesse sentido que o tema “intoxicação eletrônica” já vem sendo bastante discutido nos últimos anos. Baptista e Jerusalinsky (2017) apresentam o termo “chupeta eletrônica”, cunhado com o intuito de significar a dependência no uso de aparelhos eletrônicos (*tablets* e celulares). As autoras referem que essa dependência implica em vários sintomas: experiência de ausência de si; apatia; seletividade alimentar; dificuldades de sono; restrição social; redução do espectro de interesse; obesidade; sentimento de que a criança perdeu sua capacidade de estar com os outros; redução seletiva da capacidade de se afetar com o outro (transtorno de relação); crença de que o outro está sempre disponível; dificuldades de leitura de texto em detrimento de imagens; dificuldade de esperar, de ter que ouvir e aceitar os argumentos do outro.

Além disso, a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), em 2020, pontuou a importância da *alfabetização midiática* e mediação parental no tocante à exposição de crianças e jovens às telas. Dentre as recomendações, pode-se citar: evitar a exposição de crianças menores de dois anos às telas, mesmo que passivamente; limitar o tempo de telas ao máximo de uma hora por dia, sempre com supervisão, para crianças com idades entre dois e cinco anos; limitar o tempo de telas ao máximo de uma ou duas horas por dia, sempre com supervisão, para crianças com idades entre seis e 10 anos; limitar o tempo de telas e jogos de videogames a duas ou três horas por dia, sempre com supervisão; nunca “virar a noite” jogando para adolescentes com idades entre 11 e 18 anos; para todas as idades: nada de telas durante as refeições e desconectar uma a duas horas antes de dormir.

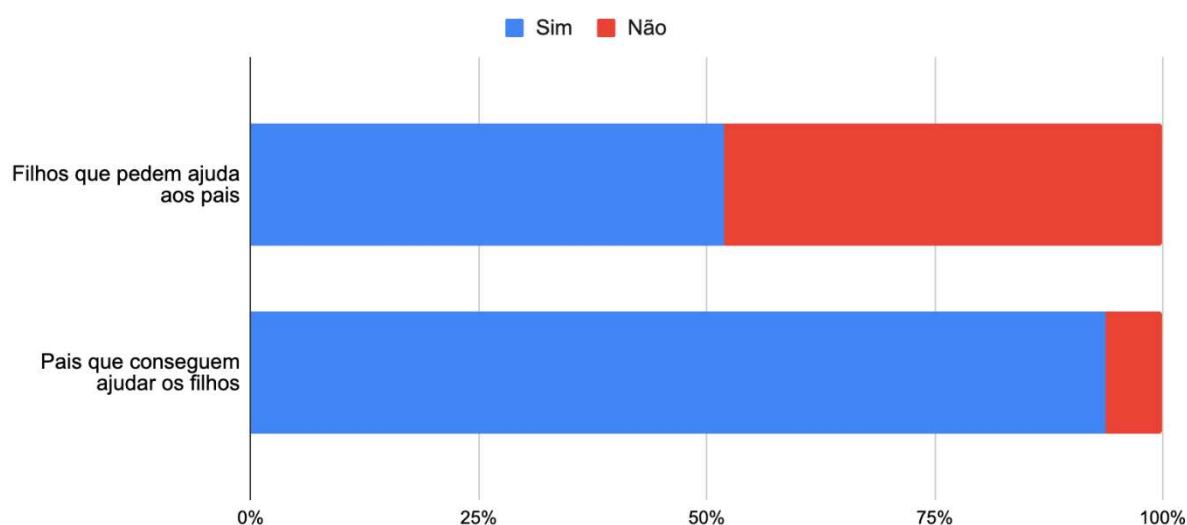
A discussão entre a comunidade médica sobre os distúrbios em games (*gaming disorder*) já foi definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e passou a ter até um diagnóstico, o CID 6C51: “Padrão de comportamento persistente ou recorrente de jogos (‘jogos digitais’ ou ‘videogames’), que pode ser online (ou seja, pela Internet) ou *offline* [...]” (PSYCHIATRY ONLINE BRASIL, 2018, *on-line*).

A preocupação com o vício por práticas de games digitais tem deixado os pais apreensivos e exigido sua participação ainda maior na dinâmica de estudos das tarefas escolares. Pontes (2011) aponta mudanças nas dinâmicas familiares no tocante ao papel das mães na mediação das tarefas escolares, inclusive, na mediação de tarefas que envolvam as TDIC. Conforme se pode ver abaixo, no gráfico 5, os familiares – e no caso desta pesquisa, prioritariamente as mães – referem conseguir ajudar os filhos e filhas nas atividades escolares durante a pandemia.





Gráfico 5 – Percepção dos familiares e dos filhos e filhas sobre o apoio nas tarefas escolares



Fonte: Dados da pesquisa

Entretanto, apesar das mães referirem que auxiliam os filhos e filhas, as mediações nas atividades são distintas e revelam ainda uma situação de letramento digital restrito, conforme se pode observar nos relatos que seguem no Quadro 1 abaixo:

Quadro 1 – Exemplos de auxílio em tarefas escolares

Ajuda citada pelos familiares (mães)	Ajuda citada pelos filhos e filhas
Supervisão das tarefas enviadas pela escola/Auxiliando em todas as tarefas/Tirando dúvidas	Ela lê e eu faço as respostas Minha mãe me orienta nas atividades
Abrindo “aluno on-line”/Imprimindo as atividades escolares/ Auxílio na pesquisa	Ajuda numa conta de matemática
Assistindo as aulas (vídeos explicativos) juntas e discutindo o assunto	Me orienta como fazer a atividade, acessa conteúdos
Elaboração de trabalho e produção de texto/Auxílio nas provas	Minha mãe me ajuda a fazer as pesquisas e tarefas Ajuda para revisar conteúdos das provas
Interpretando as perguntas dos professores/ajudando a fazê-las/Explicando significado das palavras	Meu irmão me explica as questões Minha mãe me ajuda nas leituras Ajuda a entender o que a professora pede para fazer

Fonte: Dados da pesquisa

A figura materna e os irmãos mais velhos são os mais convocados pelos estudantes para o auxílio nas atividades. As ajudas são de várias ordens: aspectos técnicos (abrir aulas,



impressão); aspectos didáticos (explicação de conteúdos, ajuda nas provas); aspectos linguísticos (leitura e interpretação de texto). Não foram citadas, contudo, dificuldades com os suportes digitais ou mesmo dificuldades com buscadores de pesquisa (ex. conhecimento da diferença entre sites que produzem *fake news* e sites confiáveis). Apesar disso, Pontes (2011) reflete que se deve analisar melhor as práticas digitais das mães envolvidas nas atividades de suporte, mediação e transmissão cultural aos filhos e filhas, uma vez que as práticas e usos de TDIC estariam situadas somente no âmbito profissional, carecendo, assim, de práticas de letramentos digitais situadas no contexto de interação dos filhos e filhas.

A pandemia promove, assim, um aumento das práticas de letramentos digitais pouco legitimadas pelos estudantes e consequentemente pelos próprios familiares que têm que mediar situações novas para as quais não estão preparados. Há a necessidade aqui de uma mediação entre os TDIC, a escola, o lazer (as novas formas de diversão em casa oferecidas pelo TDIC) e as novas interações na tela digital. Nas palavras de Pontes (2011, p. 46), que corrobora com os dados encontrados na presente pesquisa,

Entre os adolescentes que usam a internet aqui apresentados, distingue-se um uso, sobretudo privado, ligado aos “trabalhos escolares”, à comunicação com amigos e ao entretenimento, num contraste entre culturas (a escolar, o lazer) que teimam em desconectar-se, sem que haja aparentes transferências de uma para outra.

Além disso, os familiares apontam as vantagens e desvantagens do uso dos TDIC que observam em seu cotidiano. Pode-se consultar as respostas no Quadro 2 abaixo:

Quadro 2 – Vantagens e desvantagens do uso das TDIC pelos familiares

Vantagens	Desvantagens
Acesso à escola/Ensino à distância/ aumentou o interesse em digitar ao invés de escrever	Só jogo e nada de aprendizado/ Preferem a mídia que ler/Tempo desperdiçado, não gosta de ler livros
Informação e conhecimento técnico/pesquisa	Excesso de informação/Dificuldades de realizar atividades da escola
Lazer e Entretenimento (ouvir música, escutar histórias)	Sedentarismo/apatia física/Deixa de lado prazeres em ser criança (brincar, desenhar, conversar, imaginar)
Interação com os amigos e família	Falta interação/quebra da relação afetiva humana/ Desligando do mundo real
Melhorou o foco de atenção	Dificuldade de administrar o tempo/Não sabem a hora de parar/ Vício em jogos
Autonomia	Acessam coisas que não agregam valores

Fonte: Dados da pesquisa

Os relatos evidenciam que os pais reconhecem os avanços e vantagens oferecidos pelas TDIC, principalmente em tempos de pandemia (possibilidade de assistir aula, ver familiares e amigos nas telas, aumentar conhecimento e pesquisa e conhecimento). Contudo, vê-se ainda





um impacto negativo advindo da quantidade e da qualidade de uso dos TDIC, com consequências para o comportamento infantil e, conseqüentemente, para as práticas de leitura e aprendizado. Assim, os relatos evidenciam essas mudanças de comportamento e de práticas sociais (“não brinca mais de jogos”, “menor interação”, “perdeu o hábito de ler”). Nesse caso, se vê que a transmissão cultural de tais práticas foi realizada entre o próprio grupo de colegas e a indústria de consumo.

Deve-se levar em consideração que a maioria das famílias participantes é de escola particular, logo, têm maiores possibilidades de ter acesso aos suportes digitais e internet. O aspecto financeiro tem implicações para o acesso a tais práticas (computador e *smartphone* de última geração, acesso ilimitado a internet, suportes digitais individuais, aquisição de jogos eletrônicos, dentre outros). Essas desigualdades sociais no uso das TDIC afetam diretamente as práticas de uso (PONTES, 2011).

A partir das discussões empreendidas, observa-se que há possibilidades e desafios a serem equilibrados no que se refere ao uso das TDIC, principalmente no contexto familiar e escolar no atual período de pandemia. Se, por um lado, há inúmeros benefícios que já são apontados há tempos, como a democratização do acesso aos bens culturais, ao conhecimento, a diminuição da distância entre as pessoas, o compartilhamento de informações e a acessibilidade de pessoas antes excluídas socialmente, também há, por outro lado, aspectos negativos que precisam ser pensados. Dentre os entraves ao uso das TDIC e da promoção de práticas de letramentos digitais há que se considerar as desigualdades no acesso às tecnologias, as mudanças sociais que já estavam em curso, como a exposição excessiva de crianças e jovens às telas e sem a mediação das atividades, ocasionando, inclusive, dificuldades significativas que influenciam no ensino e na aprendizagem escolar.

Considerações finais

Este trabalho buscou analisar as práticas de leituras e letramentos digitais de crianças e adolescentes durante a pandemia do COVID-19. É importante ressaltar que essa pesquisa não pode ser generalizada, por tratar-se de um grupo muito pequeno. Contudo, ela já aponta para alguns aspectos que podem ser explorados e discutidos a partir do contexto atual em pesquisas futuras.

A partir do exposto, observa-se que há uma modificação nas práticas sociais no que se refere aos comportamentos, ao lazer, à leitura, à aprendizagem e às interações sociais. A pandemia evidencia contextos que evocam um saber determinado sobre o uso de TDIC:





formação dos professores, aprendizagem dos estudantes, mediação dos familiares. O fato principal é que não é somente uma questão de “uso” de computador e celular, mas sim de tornar esses usuários pessoas críticas e conscientes da qualidade e quantidade das interações que participam através das TDIC.

Evidencia-se que o atual momento enfatiza contextos que evocam um determinado uso das TDIC, em que as práticas existentes antes da pandemia tornaram-se mais intensivas e promoveram mudanças não apenas no suporte de leitura, mas nas formas de transmissão cultural. Dentro dos ambientes familiares enunciam-se mudanças não somente quanto ao papel das mães na mediação do conhecimento dos filhos e filhas, mas também se enfatiza, pela primeira vez, uma transmissão que vem de fora da família: advinda da interação e mediação com outros usuários nas mídias sociais. Esse artigo aponta para a necessidade de mais estudos sobre essas mudanças para que se possa compreender melhor a relação entre escola, família e estudante na sua inserção à cultura digital.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, A; JERUSALINSKY, J. (Org.). **Intoxicações eletrônicas**: o sujeito na era das relações virtuais. Salvador: Editora Agalma, 2017.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BARRETO, A. M. Informação e conhecimento na era digital. **Transinformação**, v. 17, n. 2, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes do governo para escolas durante a pandemia**. Brasília, DF: CNE, 2020.
- CASTELLS, M. **A galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003
- DONIDA, L. O. D. *et al.* Letramentos digitais: mediadores no processo de inclusão educacional? In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO ESCOLAR, 2019, Florianópolis. **Anais [...]** Campinas: Galoá, 2019. v. 1.
- GARCIA, A. S. M. M. **Análise da alfabetização digital e do letramento digital de alunos do ensino médio de uma escola privada de Londrina/PR**. 2016. 42 f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Ensino e Tecnologia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina, 2016.





PIMENTEL, F. S. C. Letramento digital na cultura digital: o que precisamos compreender? **Revista EDaPECI**, v. 18, n. 1, p. 7-16, 2018.

PONTES, C. Uma geração digital? A influência familiar na experiência mediática de adolescentes. **Sociologia, Problemas e Práticas**, v. 65, p. 31-50, 2011.

SCHUHMACHER, V. R. N.; FILHO, J. P. A. As barreiras da prática docente no uso das tecnologias de informação e comunicação. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 23, n. 3, p. 563-576, 2017.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA - SBP. **Recomendações sobre saúde de crianças e adolescentes na era digital**. 2020. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/sbp-atualiza-recomendacoes-sobre-saude-de-criancas-e-adolescentes-na-era-digital/>. Acesso em: 29 ago. 2021.

TEIXEIRA, C. **eCultura, a utopia final**: inteligência artificial e humanidades. São Paulo: Iluminuras, Itaú Cultural, 2019.

VEEN, W.; VRAKING, B. **Homo Zappiens**: educando na era digital. Porto Alegre: Artmed, 2009.

VIZENTIN, C. **A importância do letramento digital na escola e na sociedade e os seus diferentes conceitos**. 2016. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

WOLFF, M. **O cérebro no mundo digital**: os desafios da leitura na nossa era. São Paulo: Contexto, 2019. 256 p.

Como referenciar este artigo

SANTANA, A. P.; DONIDA, L. Práticas de leitura e letramentos digitais de crianças e adolescentes na pandemia do COVID-19. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 384-399, maio/ago. 2021. e-ISSN: 1982-8632. DOI: <https://doi.org/10.26843/v14.n2.2021.1129.p384-399>

Submetido em: 10/03/2021

Revisões requeridas: 20/05/2021

Aprovado em: 10/07/2021

Publicado em: 01/08/2021

